

## AS VIOLÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR: O *BULLYING* NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS

Fábio Luiz da Silva<sup>1</sup>  
Fabiane Tais Muzardo<sup>2</sup>  
Julho Zamariam<sup>3</sup>  
Fabio Alexandre da Silva<sup>4</sup>

**RESUMO:** O *bullying* é uma das formas de violência que mais cresce no ambiente escolar. Partindo dessa realidade, esse artigo buscou entender o que professores e alunos de uma escola pública entendem como *bullying*, e quais suas ações e sentimentos em relação a esse tipo de violência. A partir da análise do instrumento de pesquisa aplicado, percebeu-se que tanto professores quanto alunos sabem o que é o *bullying*, mas existe dificuldade em se identificar quando ele ocorre, principalmente quando se trata do *bullying* verbal e relacional; assim como um desconhecimento sobre quais as formas corretas de intervenção. Por isso, indica-se a necessidade de maior investimento na formação inicial e continuada dos professores.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Violência. Escola.

**ABSTRACT:** Bullying is one of the fastest growing forms of violence in the school environment. Based on this reality, this article sought to understand what teachers and students from a public school understand as bullying, and what their actions and feelings about this type of violence are. From the analysis of the applied research instrument, it was noticed that both teachers and students know what bullying is, but there is difficulty to identify when it occurs, especially when dealing with verbal and relational bullying; As well as a lack of knowledge about the correct forms of intervention. Therefore, it is indicated the need for greater investment in initial and continuing teacher training.

**Keywords:** Bullying. Violence. School.

### Introdução

A violência das escolas é um problema que tem preocupado educadores no mundo todo. Segundo Menesini e Salmivalli (2017), no contexto da escola, o *bullying* é a forma de violência mais comum que afeta crianças e jovens. Essa realidade tem causado enormes prejuízos ao direito à educação, especialmente àquelas crianças em situação de maior vulnerabilidade, como as que pertencem a grupos minoritários. Além disso, segundo

---

<sup>1</sup> Doutor em História. Docente do Programa de Pós-Graduação em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias da Unopar. Docente do Colégio de Aplicação Pedagógica da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: fls.londrina@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Docente do curso de Licenciatura em História da Unopar. E-mail: fabianemuzardo@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestre em História. Docente do curso de Licenciatura em História da Unopar. Docente da rede pública de educação. E-mail: julho.zamariam@unopar.br

<sup>4</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: fabioxandy@hotmail.com

Cachoeira et al (2015), o *bullying* ocorre muitas vezes de maneira velada, resultando em consequências dramáticas para todos os envolvidos. Por isso, a importância e a atualidade de pesquisas a esse respeito.

Coelho (2016) afirma que, apesar de ser uma prática antiga, estudos a respeito do *bullying* são recentes. Pesquisas sobre esse tema se iniciaram há 40 anos, quando Dan Olweus desenvolveu critérios para a identificação do problema (MENESINI; SALMIVALLI, 2017) (COELHO, 2016). No Brasil, estudos sobre o *bullying* começaram apenas na década de 1990 e se intensificaram a partir da década seguinte. No entanto, ainda há a necessidade da realização de mais estudos sobre essa questão e que levem em conta a realidade diversa da sociedade brasileira (COELHO, 2016).

Para Olweus (2010), o *bullying* é um tipo de comportamento agressivo que possui determinadas características especiais como a repetição e a assimetria na relação de poder. Para Jimerson, Swearer e Espelage (2010), esse fenômeno foi detectado por meio de pesquisas realizadas em diversos países e que pode se manifestar de forma mais direta – como chutar, bater, zombar – ou mais indireta – como as fofocas ou exclusão social. As formas mais indiretas, apesar de menos visíveis, acarretam tanto ou mais sofrimento às vítimas (SANTOS; KIENEN, 2014). Podemos, portanto, afirmar que, de qualquer forma que se manifeste, o *bullying* está presente no cotidiano escolar.

Coelho (2016) desenvolveu revisão da produção brasileira a respeito do *bullying* entre 2009 e 2014 e a categorizou em quatro tipos: estudos descritivos; fatores associados; dinâmica relacional e programa de intervenção. No primeiro caso, os estudos objetivam a análise descritiva do fenômeno, caracterizando os tipos de *bullying* e os envolvidos em sua ocorrência. As pesquisas do segundo tipo procuraram os fatores associados à emergência do *bullying*. O terceiro tipo apontou para a necessidade de romper com a dicotomia vítima/agressor, investigando mais profundamente as relações entre os envolvidos em práticas de *bullying*. Os estudos que constituíram o quarto tipo foram mais direcionados às ações de intervenção.

Santos e Kienen (2014), por sua vez, realizaram pesquisa com alunos e professores de uma escola pública catarinense e procuraram descobrir a percepção de alunos e professores acerca das características do *bullying* nas escolas. Entre as conclusões oferecidas por essa pesquisa está o fato de quase todos os estudantes e todos os professores já terem presenciado situações de *bullying* na escola. Outro exemplo de pesquisa que se enquadra nas categorias propostas por Coelho (2016) foi realizada por Silva et al (2017). Os autores buscaram descobrir a percepção dos professores a respeito do que produz o *bullying*. Nesse caso, o estudo apontou que existe uma relação entre as concepções dos professores sobre os fatores que desencadeiam o *bullying* e a consistência das propostas de enfrentamento apresentadas por eles. Partindo dessas perspectivas, o objetivo desse estudo foi investigar a percepção de professores e alunos a respeito do *bullying* em uma escola pública. Buscou-se verificar se os investigados já haviam presenciado o *bullying* e quais foram suas atitudes e sentimentos diante de tal ocorrência.

## Metodologia

Responderam ao instrumento de pesquisa um grupo de professores e alunos de uma escola pública de porte médio localizada no município de Cascavel, estado do Paraná. Como instrumento de pesquisa foi escolhido o questionário em razão da rapidez de coleta dos dados, uma vez que se desejava o menor prejuízo possível ao trabalho dos professores em sala de aula. Simultaneamente, o questionário garantiu o anonimato que facilitou a

obtenção de informações mais espontâneas. Foram elaborados dois questionários semelhantes, um para os professores e outro para os estudantes. Os instrumentos de pesquisa eram compostos por quinze questões, sendo treze questões fechadas e duas abertas. Dos 10 professores pesquisados, 5 eram do gênero feminino e 5 do masculino. Quanto aos alunos, tratou-se de uma turma do 9º ano. Dos trinta alunos da turma, apenas 12 assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa. Desse modo, somente eles responderam o instrumento aplicado. Desses, 9 eram do gênero feminino e 3 do masculino.

## Resultado e discussão

Quando questionados sobre se conheciam a expressão *bullying*, todos os participantes da pesquisa afirmaram ter conhecimento sobre o assunto. Apesar disso, quando questionados se já sofreram ou viram alguém sofrer algum tipo de *bullying* na escola, 20% dos professores afirmaram que nunca passaram por tal situação. Essa porcentagem, ainda que minoritária, é preocupante, uma vez que no ambiente escolar a prática do *bullying* é infelizmente comum. É claro que existem diversos tipos de *bullying*, como o físico e o psicológico, e diferentes níveis, mas causa estranheza professores não perceberem a prática do *bullying*. Talvez os professores que afirmaram nunca ter sofrido ou visto essas agressões tenham ignorado práticas que para eles pareceram insignificantes. Segundo Cachoeira et al (2015, p. 86), “além de saber como o fenômeno se manifesta, é necessário que a equipe gestora, os docentes e profissionais técnicos das escolas conheçam diferentes estratégias para identificação dos agressores e das vítimas, e as consequências que o fenômeno pode provocar”. Outra possibilidade explicativa seja a naturalização dessa prática, conforme indícios coletados por Silva et al (2017), ou seja, os professores não interpretam algumas ocorrências como sendo *bullying*.

Quanto aos alunos, todos disseram já ter sofrido ou visto alguém sofrer *bullying*. A pesquisa aqui realizada não priorizou separar os que sofreram dos que apenas o presenciaram, no entanto, os dados apresentados demonstram que todos os estudantes pesquisados já tiveram algum contato com o assunto. Esse dado vai ao encontro da pesquisa de Santos e Kienen (2014), que estudaram 83 alunos de uma escola pública da região de Florianópolis, e constataram que 90% dos alunos já haviam presenciado situações de *bullying* na escola.

No que diz respeito aos tipos de *bullying* sofridos ou presenciados, 38% dos professores pesquisados já sofreram ou viram acontecer insulto ou ofensa moral, enquanto 33% já presenciaram algum tipo de ameaça, ao passo que 29% disseram ter visto ou sofrido *bullying* físico. Os dados são semelhantes entre si e coerentes com as definições apresentadas por Menesini e Salmivalli (2017) e Santos et al (2014), que classificam o *bullying* em físico, verbal e relacional. Segundo os autores, no *bullying* físico

estão incluídas as diversas formas de agressões físicas (empurrões, socos, chutes e agressões com objetos) e danos materiais. No tipo verbal encontram-se presentes as ações como colocar apelidos, insultar, provocar, ridicularizar, ameaçar, responder com maus modos e fazer comentários racistas e/ou religiosos e no tipo relacional inserem-se as agressões através de propagação de rumores e a exclusão ou o isolamento social. (SANTOS et al, 2014, p. 175).

Entre os estudantes, 73% responderam que já presenciou ou sofreu algum tipo de insulto ou ofensa moral, enquanto que 20% afirmaram ter visto ou sofrido *bullying* físico. Apenas 7% disseram ter presenciado ou sofrido ameaças. Santos et al (2014) afirmam que o *bullying* verbal é o mais comum, sendo seguido, respectivamente, pelo relacional e o físico. É importante frisar, contudo, que não há uma hierarquia entre os diferentes tipos de *bullying*, e que um mesmo aluno pode sofrer mais de um tipo de *bullying*. Talvez o fato de o maior número de agressões ser verbal torne mais difícil o combate e a visualização do *bullying*, uma vez que, para muitos, as verbalizações não caracterizam ofensas tão claras quanto as agressões físicas.

Quando questionados sobre como se sentiram quando sofreram *bullying*, metade dos estudantes disseram se sentir bastante incomodados, outros 25% afirmaram que se sentiram pouco incomodados; e os demais disseram que não sofreram incômodo algum. O destaque vai para os 25% que não se sentiram, de modo algum, incomodados com a agressão vivenciada, e que, somando aos que pouco se incomodaram, representam metade dos alunos participantes dessa pesquisa. Segundo Cachoeira et al (2015, p. 87), o “bullying traz sérias consequências para todos os envolvidos, seja para o autor/agressor, o alvo/vítima ou a testemunha/expectador. Aquele que provoca, que sofre ou que assiste, portanto, está exposto a repercussões”, o que indica que a constatada indiferença dos estudantes é alarmante, já que pode trazer consequências não só para os protagonistas da ação, mas também para os expectadores.

Em pesquisa realizada por Vieira et al (2016), os autores afirmam que “[...] o espectador, tem muita importância no estudo da dinâmica de bullying, pois se constitui no terceiro elemento depois do agressor e vítima [...]” (VIEIRA et al, 2016, p. 163). Esses mesmos autores identificaram não apenas o silêncio, mas também o apoio dos espectadores aos agressores. Isso pode ser explicado, entre outros fatores, pela necessidade de estar ao lado do mais forte (o agressor) para permanecer incluído no grupo ou então pelo medo de ser a próxima vítima.

Entre os docentes, a maior parte deles, 88%, se sentiu bastante incomodada ao ter presenciado ou sofrido *bullying*. Entretanto, 12% relataram ter ficado pouco incomodados, o que, novamente, é alarmante, uma vez que é

necessário entender, nesse processo, que o *bullying* é uma manifestação de violência e, ao ocorrer no contexto escolar, requisita a devida atenção. Situa-lo como um ato violento significa posicioná-lo entre tantas outras violências que, para Mendes (2011), estão em ascensão no contexto escolar, provocando um clima de insegurança que gera maiores possibilidades para o insucesso escolar, comprometimentos físicos e emocionais e sentimentos de insatisfação com a vida. (CACHOEIRA et al, 2015, p. 86).

Quando questionados sobre a intervenção em uma situação de *bullying*, dos alunos pesquisados, 67% disseram ter intervindo em casos de *bullying* e 33% relataram nunca ter intervindo, o que demonstra que a maior parte dos estudantes pesquisados tem revelado uma conscientização importante sobre o assunto, uma vez que toda

a comunidade escolar precisa estar consciente de que o bullying é um comportamento violento que pode ser praticado individualmente ou em grupo e resultar em consequências que influenciam na redução da autoestima, provocando

isolamento e afetando o rendimento escolar, ou até mesmo em consequências mais graves, entre as quais está o suicídio. (CACHOEIRA et al., 2015, p. 94).

Ainda assim, vale lembrar que 1/3 dos alunos pesquisados não interviu ao presenciar o *bullying*. Além disso, temos que elencar uma ressalva nessa questão. Em pesquisas desse tipo, mesmo não sendo identificados, os entrevistados tendem a omitir, deturpar ou até mesmo mentir sobre algumas questões. Esse grande número de intervenções para impedir a prática de *bullying* contrasta com outras respostas dessa pesquisa, como a questão em que quase 60% dos estudantes afirmaram que nunca viram outro aluno intervindo para tentar impedir a prática de *bullying*. Entre os professores, 88% disseram que já interviram em casos de *bullying* e 12% nunca o fizeram. Percebe-se que, ainda que todos os pesquisados tenham respondido verdadeiramente, parte significativa deles afirmou que se omitiu diante de uma situação de violência. Segundo Cachoeira et al. (2015), é preciso ir além da formação básica docente, uma vez que

prever políticas que incluam a formação dos profissionais que atuam no âmbito escolar e ampliar as possibilidades de acesso para a comunidade externa é uma das estratégias que facilitarão que um assunto ainda pouco explorado seja desvelado e a realidade seja transformada. (CACHOEIRA et al, 2015, p. 86).

Contudo, temos que salientar que no Brasil, com a atual formação de professores, a temática do combate ao *bullying* não é trabalhada em nenhum programa de licenciatura. Desse modo, quem deve tomar a frente na escola para coibir a prática do *bullying*? Professores, equipe pedagógica, equipe diretiva? Como um profissional se capacitará para lidar com situações de *bullying*? Quais providências jurídicas são cabíveis em um caso de *bullying*? Percebemos que temos a clara constatação do problema, mas ainda estamos longe de mecanismos práticos e bem estruturados de resolução desses.

Ainda trabalhando sobre as questões relacionadas à intervenção nos casos de *bullying*, 60% dos professores pesquisados disseram que as ações dos docentes influenciam na incidência do *bullying* em sala de aula, enquanto que 40% afirmaram o contrário. Os docentes também se mostraram divididos no que tange à ação do professor em sala: 40% disse ter pouca familiaridade com o tema, tratando-o como alheio ao trabalho docente; aproximadamente 66% enfatizaram a necessidade do diálogo para lidar com o *bullying*; 17% afirmaram ser necessário advertir o causador; e outros 17% fizeram referência a certa neutralidade do docente em relação à situação. Mais uma vez os dados corroboram a necessidade de maior interação da comunidade escolar com o tema, na busca por minimizar as consequências decorrentes de sua prática, já que os docentes pesquisados demonstraram que há carência de preparo para lidar com o problema. Vale enfatizar, contudo, que tal constatação não visa responsabilizar os professores pelo grande número de casos desse tipo de violência nas escolas, e sim enfatizar a necessidade de criação de políticas públicas e capacitações dos atores sociais envolvidos com a educação para lidarem com essa problemática.

Sobre a culpabilidade do *bullying*, 64,3% dos alunos entrevistados disseram que o agressor é o maior responsável pelo *bullying*; 28,56% dividem igualmente a responsabilidade entre os pais do agressor e os colegas de classe; enquanto apenas 7,14% acusam a escola como a grande responsável pela situação. A constatação de que o agressor é o maior responsável pela ocorrência do *bullying* escolar tem como possível explicação o fato de que

Alguns agressores apresentam desvios de comportamento antissociais. São narcisistas, com opiniões positivas sobre si mesmos. Tem satisfação em dominar, controlar e necessitam de poder. Em grande parte dos casos, são populares em suas escolas e lideram algum grupo. Possuem maior tendência para apresentarem comportamentos de risco, como o uso de tabaco, álcool, drogas, porte de armas e até marginalidade. (CANTINI, 2004 apud CACHOEIRA et al, 2015, p. 84-85).

Quanto aos professores, 47% também indicam o agressor como o grande culpado pelo *bullying* nas escolas; 24% ressaltam que os colegas são responsáveis por assistirem calados à situação; 11% colocam os pais do agressor como fonte do problema; enquanto 18% se dividem igualmente ao culparem os pais da vítima, os docentes e a direção da escola. Essa variação nas respostas reforça a tese tanto de Santos et al (2014) quanto a de Cachoeira et al. (2015), quando enfatizam a necessidade de implantação de medidas preventivas e de combate ao *bullying* por parte da comunidade escolar, além de destacarem o desconhecimento de professores e pais sobre a gravidade do problema e de como lidar com ele.

Quando questionados se já haviam praticado *bullying* na escola, todos os estudantes afirmaram nunca ter realizado tal ato. No entanto, é preciso bastante cuidado ao analisar esse dado, já que muitas vezes ele não condiz com a realidade, pois

O caráter de continuidade presente em parte dos conceitos destacados pelos autores dos artigos científicos analisados revela que o *bullying* é, muitas vezes, um fenômeno velado, que requisita um olhar sensível, para que os indícios sejam evidenciados. (CACHOEIRA et al., 2015, p. 95).

Entende-se, portanto, que apesar de os questionários terem sido aplicados de modo anônimo, é possível que alguns estudantes possam não ter respondido com sinceridade a essa questão, já que eles compreendem a gravidade do assunto e podem temer revelar plenamente suas ações.

Outra questão que dividiu opiniões foi quanto a acreditar que a escola está preparada, ou não, para lidar com o *bullying*, em que 50% dos alunos afirmaram que existe o preparo, enquanto outros 50% afirmaram que a escola não está preparada para lidar com essa situação. Quanto aos professores, 80% responderam de modo positivo a essa questão. Note-se que a ausência de políticas preventivas para combater efetivamente o *bullying* e o desconhecimento das escolas sobre o assunto são empecilhos que impossibilitam sua superação. Santos et al. (2014) vão além em sua análise, ao afirmar que

Divergências culturais e sociodemográficas nas populações estudadas são possíveis explicações da variabilidade nos percentuais de vitimização, de modo que diferenças nacionais nas políticas públicas e no ambiente escolar também podem contribuir para essa disparidade. (SANTOS et al., 2014, p. 180).

Para Cachoeira et al (2015, p. 95) “quanto menos abertura existir nas escolas para a discussão e o investimento em políticas de prevenção e combate, mais estudantes sofrerão com um comportamento praticamente invisível, mas que deixa sequelas profundas”.

Sobre a opinião dos estudantes quanto a continuidade da prática do *bullying*, dois dados se destacaram: 50% afirmaram que o *bullying* ocorre na escola porque o agressor se considera superior aos demais alunos; enquanto 41,5% enfatizaram que o *bullying* ocorre por falta de intervenção dos pais, dos professores e/ou da escola. Ainda que em menor quantidade, 16,6% dos alunos apontaram o preconceito do agressor em relação a vítima; e 8,3% ressaltaram que o medo que a vítima tem faz com que o *bullying* continue ocorrendo. Entre os professores, 30% destacaram a falta de respeito e tolerância às diferenças como responsáveis pela incidência do *bullying* no ambiente escolar; 20% relacionaram o *bullying* a problemas culturais e a falta de instrução; 20% responsabilizaram os pais como fonte do problema; outros 20% atribuíram a situação à convivência dos professores; e 10% afirmaram que sempre ocorreu o *bullying* nas escolas, ressaltando que no passado ele era visto apenas como uma brincadeira. Os resultados obtidos apontam novamente uma importante variação nas respostas dos professores pesquisados, o que comprova a necessidade imediata de aprofundar os olhares para a situação, a fim de que toda a comunidade escolar adquira consciência sobre a gravidade do problema a ser enfrentado. Segundo Francisco e Coimbra

por mais que os estudantes percebam a presença do *bullying* dentro do contexto escolar, suas percepções e estratégias propostas para resolver as ocorrências de *bullying* são reducionistas e não focam na origem do problema. Assim, não há o reconhecimento dos determinantes sociais e culturais nas manifestações do *bullying*. (FRANCISCO; COIMBRA, 2015, p. 184).

A relação entre o indivíduo que pratica o *bullying* e o seu contexto histórico e social pode ser uma explicação para os motivos dessa prática em nossa sociedade. Sobre isso, Trindade e Menezes ressaltam que

O conceito de bullying presente na literatura internacional, comumente adotado por pesquisadores brasileiros, foca numa perspectiva individual e comportamental, conduzindo à ideia de que os “comportamentos agressivos estão dentro da pessoa, de modo inato e instintivo”. (TRINDADE; MENEZES, 2013, p. 145-146).

A falta de intervenção dos pais, professores e da escola também tem bastante relevância para os pesquisados. Cachoeira et al (2015) enfatizam que a escola, por desconhecer o problema ou não o admitir, pode apresentar uma maior incidência do quadro, além da ausência de políticas para sua erradicação.

### **Considerações finais**

A proposta principal desse artigo foi investigar a percepção de professores e alunos a respeito do *bullying* em uma escola pública. É claro que a prática de *bullying* é, infelizmente, comum no cotidiano das nossas escolas e a compreensão das percepções de professores e alunos a esse respeito nos ajudam a entender melhor as origens e as características deste problema, caminhando assim em busca de estratégias mais eficazes no seu enfrentamento.

As respostas positivas de alunos e professores, tanto sobre o sofrer o *bullying* quanto por presenciar situações de *bullying*, comprovam que esse problema não é novo. Apesar disso, ele ainda é, muitas vezes, tratado como algo irrelevante. Prova disso é a ausência do debate sobre o *bullying* e seu combate na formação de professores. Também não há, nas escolas, nenhum tipo de estrutura ou organização que previna ou iniba essa prática. Os casos são levados à diretoria, que não tem muito a fazer, além de repreender verbalmente os alunos ou convocar os responsáveis. Faltam também iniciativas de conscientização para os membros da comunidade escolar sobre os riscos que a prática de *bullying* podem acarretar, levando inclusive à casos de depressão profunda e suicídio.

A existência do *bullying* em escolas de diversos países demonstra que esse é um problema de nosso tempo, consequência da nossa forma de organizar a sociedade e também a educação. Na escola, apesar de todas as limitações que ela partilha com os professores, é preciso pensar em construir uma cultura escolar que valorize a diversidade, o respeito e a cidadania.

## Referências

CACHOEIRA, R. D. et al. O *bullying* no contexto escolar: uma sistematização de estudos precedentes. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)*, v. 13, janeiro, 2015, p. 81-100. Disponível em:

<<http://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/reid/article/view/2158/1941>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

COELHO, Maria Tereza Barros Falcão. Bullying escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. *Revista de Psicopedagogia*, v. 33, n. 102, 2016, p. 319-330. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-84862016000300010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862016000300010)>. Acesso em: 14 jun. 2017

FRANCISCO, Marcos Vinicius; COIMBRA, Renata Maria. Análise do *bullying* escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *Estud. psicol.*, Natal, v. 20, n. 3, set., 2015, p. 184-195. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413294X2015000300184&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2015000300184&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 jun. 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20150020>.

GROSSI, Patrícia Krieger; SANTOS, Andréia Mendes dos. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brasil. *Rev. Port. de Educação*, v. 22, n. 2, 2009, p. 249-267. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S087191872009000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087191872009000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 jun. 2017.

JIMERSON, Shane R.; SWEARER, Susan M.; ESPELAGE, Dorothy L. International scholarshio advances Science and practice addressing bullying in schools. In: JIMERSON, Shane R.; SWEARER, Susan M.; ESPELAGE, Dorothy L. (org.). *International handbook of school bullying: an international perspective*. New York/London: Routledge, 2010.

MENESINI, Ersilia; SALMIVALLI, Christina. Bullying in schools: the state of knowledge and effective interventions. *Psychology, Health & Medicine*, v. 22, n. S1, 2017, p. 240-253. Disponível em:

<<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13548506.2017.1279740>>. Acesso em: 14 jun. 2017

OLWEUS, Dan. Understanding and researching bullying: some critical issues. In: JIMERSON, Shane R.; SWEARER, Susan M.; ESPELAGE, Dorothy L. (org.). *International handbook of school bullying: an international perspective*. New York/London: Routledge, 2010.

SANTOS, Jalber Almeida dos et al. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de Salud Pública*, v. 16, n. 2, 2014, p. 173-183. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42232582002>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SANTOS, Mariana Michelena; KIENEN, Nádia. Características do bullying na percepção de alunos e professores de uma escola de ensino fundamental. *Temas em Psicologia*, v. 22, n. 1, abr., 2014, p. 161-178. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2014000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100013)>. Acesso em: 14 jun. 2017.

SILVA, Cíntia Santana e; COSTA, Bruno Lazzarotti Diniz. Opressão nas escolas: o bullying entre estudantes do ensino básico. *Cad. Pesqui.*, v. 46, n. 161, set., 2016, p. 638-663. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010015742016000300638&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742016000300638&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 jun. 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143888>.

SILVA, Pedro Fernando da et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. *Psicologia USP*, v. 28, n. 1, jan./abr., 2017, p. 44-56. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642017000100044&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642017000100044&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 14 jun. 2017.

TRINDADE, A. M.; MENEZES, J. A. Intimidações na adolescência: expressões da violência entre pares na cultura escolar. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n.1, 2013, p. 142-151. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/16.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

VIEIRA, Igor Soares et al. Atitudes de alunos espectadores de práticas de *bullying* na escola. *Ciência Cuidado e Saúde*, v. 15, n. 1, jan./mar., 2016, p. 163-170. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/307092872\\_Atitudes\\_de\\_alunos\\_espectadores\\_de\\_praticas\\_de\\_bullying\\_na\\_escolaAttitudes\\_of\\_bullying\\_practices\\_bystanders\\_students\\_at\\_school](https://www.researchgate.net/publication/307092872_Atitudes_de_alunos_espectadores_de_praticas_de_bullying_na_escolaAttitudes_of_bullying_practices_bystanders_students_at_school)>. Acesso em: 15 jun. 2016.